

AFINAL, O QUE É O “TALIAN”?

Giorgia Miazzo¹

Riassunto

L'articolo presenta alcuni cenni storici relativi alla storia dell'emigrazione italiana e veneta in Brasile. Si spiega, poi, che cosa si intende per lingua “talian”, la sua consistenza, le sue peculiarità e caratteristiche contrastive rispetto all'italiano. Si parla della sua diffusione e la pertinente questione dell'ufficialità all'interno della terra in cui il talian è usato. Infine viene riportata una considerazione personale riguardo l'argomento studiato.

Parole chiave: emigrazione, il veneto, talian, lingua veneto, immigrati, dialetto.

Resumo

O artigo apresenta algumas cenas históricas relativas à história da imigração italiana e vêneta no Brasil. Nele, busca-se explicar que coisa se entende por língua “talian”, a sua consistência, as suas peculiaridades e características contrastivas em relação ao italiano, passando pela sua difusão e pela pertinente questão da burocracia da terra em que o talian é usado. Enfim, apresenta uma consideração pessoal sobre o argumento estudado.

Palavras-chaves: emigração, o vêneto, talian, língua vêneta, imigrados, dialeto.

Nás décadas do século XX, no Brasil, era comum um imigrante vêneto idoso dizer: “El italiano el sarà la lingua dea economia, dei soldi, dei denari, dele scarsele. El talial la è la lingua dei sentimenti, del laoro, dea preghiera e dea speransa, dei imigranti, de quei che i ga scominsià la construssion de paesi e cità.”

Ter que abandonar para sempre a terra natal e estabelecer-se em outro canto do mundo, um lugar estranho, desconhecido, não era uma escolha simples, muito menos

¹ E-mail: giorgiamiazzo@gmail.com

fácil. Isso acontecia há quase 150 anos, quando os meios de transporte eram impraticáveis, os contatos difíceis, tornando-se uma verdadeira proeza afastar-se de casa. Havia casos em que partir se tornava a única alternativa à sobrevivência, uma escolha ditada pela necessidade de se construir uma vida melhor, que beneficiava, inclusive, aqueles que permaneciam na pátria.

Em 1861, ano da Unificação da Itália, a situação socioeconômica do país era de extrema miséria e o povo vivia em péssimas condições de higiene, em um ambiente em que a difteria e a pelagra se espalhavam sem piedade, acometendo adultos e crianças.

Os investimentos estatais eram usados para os financiamentos industriais, para desagrado dos agricultores e trabalhadores rurais, que não podiam introduzir melhorias nas práticas agrícolas.

No mesmo período, os governos latino-americanos necessitados de mão de obra, especialmente de trabalhadores sérios e competentes para povoar grandes extensões ainda não desbravadas, atraíam os povos europeus com promessas tentadoras de um futuro promissor. Garantiam terreno cultivável, condições de saúde e instrução.

Assim, as companhias de navegação americanas orquestravam tentadoras viagens além-mar, com a ilusão de um transporte seguro, de baixo custo, atraindo também muitos vênets à aventura por melhores destinos. O Governo Imperial do Brasil, conhecedor das qualidades do povo vêneta como gente trabalhadora, perseverante, dedicada à família e temente a Deus, encarnava um investimento ideal para o desenvolvimento nacional.

A partir da segunda metade do século XIX, “Lestero Merica Brezile” permeava o sonho vêneta, frequentemente se revelando uma tragicomédia. Vendiam os poucos bens para assegurar a viagem e, com uma trouxa qualquer de trapos, deixavam Belluno, Verona, Rovigo, Pádua, Vicenza, Treviso e outras localidades da Itália, para embarcar no porto de Gênova em navios a vapor das companhias de bandeira brasileira.

“Na gran quantità de gente drio pareciarse par imbarcar tei bastimenti, assando indrio la so tera natale e scominsiando un viaio par rivar a nantro mondo che lori no i lo cognosse”. As embarcações eram ambientes fatídicos e apresentavam condições

subumanas. As intermináveis viagens eram extenuantes e dramáticas, pois aquelas pobres almas permaneciam amontoadas em porões e os mais frágeis não chegavam ao destino. Chegavam à “terra prometida”, a tão falada “*Mérica*”, após longos meses, extenuados pela fadiga. Atracavam ao longo da Costa Meridional, nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, para então se deslocar para Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Estima-se que a imigração vêneta no Brasil, entre 1876 e 1920, tenha sido de quase um milhão de pessoas, o que representavam mais de um terço do total das demais regiões da Itália. Em 1970, somente no Estado do Rio Grande do Sul, de uma população de dez milhões de habitantes, 20% tinha sobrenome italiano. Foram milhões, em quase 150 anos de história, praticamente outro país, disseminado, longe, mas emocionalmente ainda ligado às origens.

Na realidade, no início, encontraram acampamentos com barracões isolados na selva mais profunda, em que a natureza era selvagem e o solo impraticável, mas era a única realidade e a tinham que aceitar. A sensação de isolamento reinava nesses lugares e atormentava as pobres almas.

A vontade de chegar abrandava o sofrimento e o desejo de sobreviver os incentivava a seguir adiante. Não lhes restava alternativa senão desmatar a floresta a golpes de machado. Sem trégua e com a pujança de braços incansáveis, conseguiram transformar o solo inculto em fértil e cultivável, desenhando assim uma nova pátria, semelhante a que deixaram para trás. Os imigrantes enviavam cartas emocionantes às famílias que lá permaneciam, com expressões que enchiam correspondências, que atravessavam o Atlântico, contando de um improvável Éden tão sonhado.

Em uma carta datada de maio de 1883, um imigrante assim escreveu aos pais: “(...) mi toca travagliare con zerle sule spale su per monti come un musso. Ala matina si comincia cole stelle e la sera a casa cole stelle. Per conto del mangiare ala matina fasoli, a mezzogiorno fasoli, a la sera fasoli. Il paese distante una giornata di camino”.

Após as primeiras ondas de agricultores, chegaram pedreiros e operários, que deram uma estrutura empresarial à Comunidade.

Atualmente, o Brasil é uma realidade econômica emergente, mérito indiscutível da contribuição das populações europeias. Uma pequena região, escarnekida pela simples e genuína maneira de expressar-se, mas de um povo forte, íntegro e responsável, um dos protagonistas daquilo que o Presidente Kennedy definiu como “A América dos Imigrantes”. Fortemente comprometidos em iniciar uma nova vida, pois tem o sentido do dever, o amor à família, o fervor religioso, elementos necessários para suportar as fadigas e os sofrimentos.

As tradições e os costumes se tornam um grande conforto, um refúgio onde se recolher e se sentir em casa. A cozinha vêneta é rainha nas mesas cuidadosamente preparadas e durante as manifestações culinárias, são degustados os clássicos pratos, desde os “*capeleti em brodo de galina*” e a “*minestra de fegatini*”, a “*fortaia*”, o “*formaio*”, “*radici*”, “*faso*” e “*polenta frita*”, terminando sempre com uma “*graspa*”.

Cuidavam com paixão e ciúme também da música e da dança. A filarmônica acompanha corais de origem da montanha e danças folclóricas, em que roupas tricolores aparecem em meio à alegria da festa.

A cultura de um povo é construída diariamente e esta atividade está em relação direta com a língua, a qual, como veículo de informação, significado e ideologia, reflete a própria história. A peculiaridade comunicativa se traduz no patrimônio mais precioso para se manter e venerar. O “*talian*” pertence certamente a tal riqueza.

São muitos os historiadores, escritores e editores, estudiosos do processo migratório e das consequências filológicas, em particular inerentes àquelas de caráter regional.

Cultivadores do *talian*, falado e escrito, deram uma contribuição significativa, com múltiplas obras preciosas e excelentes.

No Brasil, emerge com toda clareza a contribuição inegável dada pelo extinto Frei Rovilio Costa, ícone da cultura italiana da imigração no Rio Grande do Sul. Descendente vêneta, sacerdote, escritor, jornalista, professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, docente em Antropologia Cultural e membro do Conselho de Estado da Cultura Rio-Grandense. Idealizou uma coluna

editorial, sendo responsável pela publicação de mais de 2600 artigos sobre a cultura do Rio Grande do Sul e brasileira em geral. Era cidadão honorário de vários municípios do Sul do Brasil, um poliglota, *“ma ghe piaseva tanto parlar talian”*! Tive a felicidade de conhecê-lo, contribuindo em uma coluna editorial em que publicou um artigo de minha autoria.

Outros nomes importantes são: Darcy Loss Luzzatto, Aquiles Bernardi, Júlio Posenato, Honório Tonial, Luis A. De Boni e Arlindo Battistel.

Emilio Franzina, professor de História Contemporânea da Universidade de Verona, colaborou intensamente com algumas revistas, como em “Cadernos Históricos” e “SIEDE”, junto ao comitê científico de outras, entre as quais “Estudos da Imigração”. Dirige o “Arquivo Histórico da Imigração Italiana”. Publica notáveis obras, mas a mais importante é, sem dúvida, “Merica! Merica! – Imigração e colonização nas cartas dos agricultores vênets e friulanos na América Latina” (1876-1902): uma produção histórica, certamente entre as primeiras a dedicar-se à imigração, expressando um ponto de vista real do fenômeno. Também dignas de reconhecimento: “A grande imigração. O êxodo dos rurais do Vêneto”, “Os Vênets no Brasil”, “História da Imigração Vêneta da Unificação até o Fascismo”, “A América gringa. Histórias Italianas da imigração entre Argentina e Brasil”, “O imaginário dos emigrantes”.

Outra homenagem também a Giovanni Meo Zilio, professor emérito de Literatura Hispano-americana da Universidade de Veneza, que traduziu a obra de Nanetto Pipetta e em geral intervinha e escrevia sobre a imigração vêneta.

Obrigada a Ulderico Bernardi, professor de sociologia nas Universidades de Veneza e Treviso, estudioso das relações entre tradição e inovações nas culturas autóctones, no âmbito das minorias étnicas e nas comunidades agrícolas atingidas pela industrialização. Em particular, a “Federação das Associações Ítalo-brasileiras” do Rio Grande do Sul lhe conferiu o diploma “Ao mérito talian”, por ter contribuído com suas publicações para manter acesa a identidade cultural dos Vênets. Interessantes a respeito: “A longa viagem. Das terras vênets à selva brasileira”, “Vênets”, “A encontrar fortuna”.

Os ítalo-vêneto-brasileiros explicam:

Il talian la è na vera lingua nassesta dea fusion dei differenti dialeti dei nostri primi imigranti, insieme con parole nove, necessàrie par nominar de novità dea nova strânia Pàtria brasiliana. I fundamenti dea esistenza de na Lengua i ga da veder con la literatura e fundamentalmente, cha la sia parlada,scrita e “informatizada” (a sti tempi...). La è doperada par i dessendenti taliani che ai 20 de maio de 2010 ghe lodemo i 135 ani del so arivo al Brasil. Ma ghe ga tocà viaiar par catarse na nova Pàtria, senza fame, con poco fredo, con manco malatie, senza guera e con posto par tuti...

Pode-se afirmar com indiscutível certeza que o *talian* é um língua que tomou forma a partir da fusão dos dialetos provinciais vênetos pertencentes aos primeiros imigrantes. Quase todos eram iletrados e o vêneto era a única gíria do próprio arquivo familiar. O vernáculo era difundido na região, mas se moldava em base à província a que pertencia. A base era convergente, estendendo-se com diferenças substanciais a nível diatônico, não somente em relação aos campos lexicais e as construções em gíria, mas também à morfologia terminológica de terminações verbais, declinações pronominais e adjetivais.

O isolamento geográfico e social imposto pelo sistema de colonização perdurou por decênios, impossibilitando os pontos de contato com a vida dos nativos. Aparece, portanto, inevitável um sistema linguístico fechado, apto a levar ao fim as funções comunicativas no interior dos núcleos de convivência. O idioma coincidia assim com o reconhecimento de um povo que não parava de reforçar uma identidade.

O conceito de “dialeto” registra uma estrutura glotológica semelhante a outras, tanto do ponto de vista diatônico como diacrônico, e passando a fazer parte da categoria das línguas oficiais.

Especificamente, trata-se da única modalidade transmissível em uma rede circunscrita, tornando-se fisiológico no afluir e legitimando-se em uma estrutura de caráter mais formal.

A inexistência de um sistema de instrução não permitia, certamente, a introdução do português entre os imigrantes de língua materna. Todavia, o mosaico linguístico nativo seria inevitavelmente “contaminado” pelo português, enquanto o comportamento

nas comunidades se expande e adquire corpo ou composição em direção a determinadas variantes que enriquecem ou mudam alguns aspectos léxico-sintáticos. Nasce uma mistura que deriva do cruzamento entre dialetos, junto à confluência do português, língua que permanece à margem na morfologia vêneta. Essa tipologia se impõe como predominante, definindo-se em uma categoria de língua comum, que em determinada época se sobrepõe às variedades locais.

Tornou-se uma garantia de estabilidade social, contribuindo a solidificar-se no campo literário. De testemunhos colhidos, observa-se: “Co el tempo i dialeti se gà giuntà un poc e a predominà a lengua pi parlada: el veneto”. O português limitou-se a “emprestar” termos a respeito de objetos e ações que supriam a falta no idioma natal ou que não tinham aprendido na pátria.

Em tal sentido, se desenvolveram algumas faixas terminológicas específicas referentes a aspectos comerciais ou culturais, ou pertencentes diretamente à realidade brasileira, como nomes de flora e fauna, usos e costumes.

O dialeto permanece, ainda assim, como o documento de identidade de um povo, único em formular conceitos específicos, sobretudo estados psicológicos e mentais da comunidade. Fundamenta-se assim a tipologia vêneta-brasileira, compartilhada pelos “oriundos”, que encontra uma adequada e recíproca interação.

Uma língua, para ser oficial, deve ser comprovada por um grupo étnico e portanto entendida na sua oralidade. Não somente exige uma redação gramatical, compêndio hábil em unir um sistema fonológico-ortográfico, uma sintaxe e uma conformação morfo-lexical. Enfim, reivindica uma literatura, a memória de uma tradição e de uma história contínua.

O *talian* é carente de um *status* oficial, mesmo satisfazendo os elementos principais da língua. Na forma oral, é de fato plenamente realizado, pois é falado e compreendido por ao menos um milhão de pessoas, tanto que é considerado neolatino, com o direito de figurar ao lado do italiano, francês, espanhol e português.

É um idioma corrente, empregado cotidianamente no trabalho, universidade, televisão, rádio e teatro, é usado semanalmente em mais de cem emissoras de rádio e em programas televisivos, em inúmeros artigos de jornal e em muitas orações durante as missas.

É definido também como “dialeto vêneto rio-grandense”, posto que a máxima concentração se verifica no Sul do Brasil. É falado principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, restando a ser comprovado nos estados dos Espírito Santo e Minas Gerais, em que é menos estendido e se concentra em comunidades localizadas, mas nas quais é vivido com intensidade.

Consta de um aparato escrito redigido na “Gramática do Dialeto Italiano Rio-Grandense”, construída com base no livro de Nanetto Pipetta e mais tarde na “Gramática Morfológica do Dialeto Vêneto”. A primeira e fundamental redação de um vocabulário dos imigrados é a “Gramática e o Vocabulário do Dialeto Italiano Rio-Grandense”, escrito por A. W. Stawinski, publicado em Porto Alegre, pela casa editora EST (Caxias do sul, UCS), em 1977. Como sequência, deriva “O Dicionário do Dialeto Vêneto Sul-Rio-Grandense Português”. Em 1995, a UTRIM – sigla da “União dos Trivênetos no Mundo” – com o patrocínio da Região Vêneto, realiza uma magnífica obra: “O Dicionário Vêneto-Português-Italiano”. Trata-se de um volume baseado no dicionário de Stawinski, mas acrescentado da tradução italiana, dando origem a um sistema “trilinguístico”, com o objetivo de deixar uma marca vêneta no mundo.

O seu *status*, enfim, se transforma em um traço escrito. O jornal “Staffetta Rio-Grandense”, hoje denominado “Correio Rio-Grandense”, era o elemento de divulgação coletiva e de estabilidade discursiva. Contribuiu de fato a escrever a história do progresso e do desenvolvimento do Brasil.

As primeiras afirmações do *talian* saíram em capítulos em algumas revistas destinadas aos imigrados e efetuadas pelos frades capuchinhos de Caxias do Sul. O primeiro livro de literatura oriunda foi publicado entre 1924 e 1925, no referido jornal. Trata-se de *Vita e storia di Nanetto Pipetta, nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la*

cucagna, escrito por Aquiles Bernardi, do qual se extrapolou a terminologia do referido dicionário.

A estabilização do processo não encontrou vida fácil nem mesmo depois de sua sedimentação. Nos primeiros cinquenta anos do século passado, aconteceu algo que desconcertou para sempre um percurso linguístico predestinado e espontâneo no Sul do Brasil.

Depois de uma primeira fase de grande segregação, os vênets foram admirados pelo trabalho sério executado. Ao mesmo tempo, porém, foi eleito o sistema despótico na figura do Estado Novo, de Getúlio Vargas.

O início da Segunda Guerra Mundial, de fato, anunciou um período de grande controle social no território brasileiro, no qual os povos estrangeiros eram um obstáculo ao Governo Nacionalista. Com essa perspectiva, as escolas italianas presentes nas colônias foram fechadas, com base na lei da “Nacionalização do Ensino”, cujo decreto proibia o uso de línguas estrangeiras. Quem não sabia português era obrigado a aprendê-lo e praticá-lo, caso contrário seria humilhado, castigado e preso.

Segundo uma declaração, “dopo, col é vegnesto a léie Getúlio Vargas e no se podea pi parlar a lengua italiana, tocava parlar el brasilian anca casa”. Como lembra o amigo Fernando Roveda, descendente vêneto que vive em Antônio Prado, no Rio Grande do Sul, segundo o qual, o avô e um amigo, em um domingo depois da missa, foram surpreendidos falando na língua materna pelos soldados da guarda, que os prenderam na prefeitura por algum tempo. O mesmo acontecia aos colonos, que durante as compras nas cidades não ousavam proferir nenhuma sílaba e, não conhecendo os termos portugueses, eram obrigados a se exprimir gesticulando.

Além disso, foram anulados os nomes de lugares ou edifícios com dizeres vênets, obrigando a população a mudar o nome de alguns municípios, como Nova Trento, chamada Flores da Cunha, e Nova Vicenza, batizada Farroupilha, além da denominação dos estabelecimentos, como “Società del Mutuo Socorso Vittorio Emmanuele III”, hoje “Sociedade Pradense de Mútuo Socorro”. Outro exemplo refere-

se a um time de futebol bem famoso no Brasil, fundado por italianos e com sede em São Paulo, que hoje se conhece como “Palmeiras”, mas anteriormente era o “Palestra Itália”.

Foi um grande e injusto delito contra a identidade vêneta, uma ferida moral sem precedentes. Um povo sem raízes e transferido para outro lugar não pode viver sem sua língua, credo e senso intrínseco de um pertencer.

Hoje, seria ofensivo e simplório considerá-lo uma espécie de dialeto “de além-mar” ou simples capricho e alvo de polêmicas estranhas. É um fato amplamente singular e digno de respeito e consideração. A força de um “código” fundido por um sentimento profundo de pertencer, contínuo e constante no espaço de um século e meio, determina um processo de conservação no comportamento. O idioma se torna aqui consciência e memória histórica. É uma realidade tão presente e intrínseca no povo oriundo a ponto de comprometer definitivamente a estabilidade expressiva de base nacional.

Em 2000, a Federação das Associações dos Difusores do *Talian*, apresentou ao “IPHAN” – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – um pedido de reconhecimento, pela primeira vez oficial, para que o *talian* fosse aceito como “Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil”. Não foi acolhido pelas insuficientes modalidades legais de aceitação, mas traçou um sinal emblemático em direção a um percurso de reconhecimento cultural correto e de grande valor.

Cinco anos mais tarde, a mesma Federação, com o apoio dos Estados do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo, as Assembleias Legislativas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, o Instituto Vêneta, as Universidades estatais, os municípios associados a outras entidades, rerepresentaram o pedido ao Ministro da Cultura. Pela segunda vez foi rejeitado, pois ainda não havia sido legalmente regulamentado por textos idôneos.

Organizaram-se, portanto, em maneira mais estruturada, de modo a expressar um sinal da diversidade linguística no Brasil, motivando a Comissão de Educação e Cultura a tomar a iniciativa. É provável que o *talian* se torne, depois do português, a primeira entre as línguas oficialmente reconhecidas como bem cultural e de referência nacional.

Além disso, em junho de 2009, através da Deputada Silvana Covatti, foi aprovada a Lei no. 13.178, a qual reconhece o *talian* como patrimônio histórico e cultural do estado do Rio Grande do Sul, iniciativa que será estendida aos estados vizinhos.

Em novembro de 2010, em Serafina Correa, Rio Grande do Sul, se comemorou uma festa para lembrar um projeto de lei, depois transformado em lei, que atribui ao *talian* o título de idioma co-oficial ao português, segundo o decreto 43/88, de 18 de julho de 1988.

Foi o primeiro município em todo o Brasil a alcançar esse resultado sem precedentes. Defendem desde sempre os valores da língua, reconhecendo, cada fim de julho, por uma inteira semana, o *talian* como oficial.

O alfabeto do *talian* compreende vinte e uma letras: cinco vogais e dezesseis consoantes. A base é essencialmente de matriz vêneta, compêndio das províncias a que pertencem. As interferências lexicais incorporadas pelo português são aceitas por toda a comunidade falante, pois é o resultado de um processo diacrônico sociocultural. Os empréstimos portugueses têm frequentemente um nexos com o campo semântico específico do trabalho de agricultor. Alguns exemplos “capoero, capoeira ou skapoera”, de “capoeirão ou capoeira”, que significa “bosque denso ou floresta virgem”; “arado”, traduzido em “*aratro*”; “milio”, de “milho”, ou seja “*mais*”; “paiol”, que está para “cabana para os equipamentos e cereais”.

Acontece também o processo inverso, no qual o português brasileiro parece adquirir algumas impressões semânticas do vêneta. Se no português continental “*tazzina da caffè*” é “chávena”, na variante brasileira se torna “xícara”, ou seja, a transcrição fonética do nosso “*cicara*”. A colher é o “*cucchiaio*”, ou seja o “*scugliero*” em paduano. O “pêssego” o “*persego*” em vêneta e a “cereja” como “*sareza*”.

Outras referências culinárias são extrapoladas por combinações de origem religiosa, como: “banho-maria”, ou “barriga-de-freira”, literalmente “*pance-di-suora*”, doce tipo pudim. Em relação às partes do corpo, “barriga”, é “*pancia*”, mas “*pança*” existe quando é “barrigão”; o “*tallone*” em brasileiro é “calcanhar”, semelhante a “*calcagno*”; “dito”, ou seja em vêneta “*deo*”, é “dedo” em português. A locução “sentar-se na

cadeira” é “*sentarse na carega*”. Alguns idosos veroneses e beluneses, para “a roda do carro”, dizem ainda “*a roda dea carretta*”. “*Reoio*” em português é “relógio”, “*toaia*” é “toalha”, “*zugo*” é “jogo”. Alguns nomes de animais ficaram, mas em italiano adquiriram uma especificidade ou sentido figurado. “*Mucca*”, se torna em português “vaca”, enquanto para nós permanece com significado de “vaca que já deu cria” ou com valor vulgar, “*bue*” é “boi”, como dizem os paduanos, “*maiale*” é “porco”, do qual deriva a locução “que porcaria!” Alguns pronomes sujeito, especificamente “*lei*” e “*lui*”, se traduzem como “ela” e “ele”, semelhante ao vicentino-veronese “*ela*” e “*elo*”; “*par ti*” é parecido a “para ti”. Um caso especial de uso verbal, no Sul do Brasil, é “*te copo*”, com igual significado vêneta, mas em outras zonas o verbo existe somente com valor de “*tagliare*”, “*tosare*” ou “tosar”, “cortar” portugueses, e também “*te bato*” coincide; o verbo “*catar*” quer dizer “*frugare per trovare*”, como “*catare i radici*”, da qual “cata-festas”, uma espécie de “*scova-feste*”, uma pessoa sempre informada sobre as últimas festas, mas “cavar”, ou seja “*togliere*”, permanece com o significado de “*zappare*” ou então “*incavare*” as mangas de uma camiseta. “*Zontar legna nel fogo*” é idêntico ao português “jogar lenha no fogo”. “*So mojo*” se traduz em “estou molhado”. Existem o “reverso da medalha”, o “fora de cá”, “no canto”, “vou com pressa”, todos quase iguais ao falar vêneta. De grande importância é a transposição de estruturas sintáticas dos dialetos italianos em realização ao português: “*me vien su la rabia*”, se torna “me vem pra cima a raiva”, “*me go ciapà co le braghe in man*”, se traduz em “me peguei com as calças na mão”, “*vien oncora la da noaltri*”, se usa com “vem ainda lá de nós”.

Existem locais não sublinhados, menos conforme o estereótipo do Brasil, municípios inteiramente povoados por oriundos. Lá, onde os sobrenomes são vêneta, as tradições são do local, a língua é absolutamente original e, sobretudo, o orgulho de ser vêneta é autêntico. É como retornar para casa, o lugar familiar da infância, em que o tempo não modificou o espírito intrínseco de um povo. Aproximar-se de tal realidade, acrescenta sensibilidade em relação aos valores de um pertencer linguístico primordial em uma terra itinerante.

Em nenhum âmbito, como no ensino do *talian*, se sente uma abertura significativa, sobretudo a nível humano, íntimo, rudimentar, em que transmitir uma língua é projetá-la a uma cultura, uma sociedade, um pertencer.

Pessoalmente, ensinar o *talian* se torna uma missão. Significa salvaguardar a sorte de uma língua minoritária, essencial porque simboliza e identifica o grupo social ao qual pertencemos e juntos nos insere em um contexto cultural estranho.

Adquire, portanto, o valor extremo, instintivo e ancestral do existir, que reconduz o cotidiano a experiências já vividas, aptas a servir de guia e proporcionar segurança. O *talian* permanece considerável porque é o nosso idioma originário, irmão do “italiano-toscano”, que é portador de uma finalidade funcional às exigências de comunicação de muitas pessoas. Ensiná-lo, para mim, porém, é um privilégio, um dever moral como cidadã, uma forma de apreço pelas minhas origens e, enfim, um imenso orgulho para compartilhar.

Um grande aplauso a quem, através do apoio estatal ou regional, com projetos e financiamentos, se empenha em fomentar o ensino do *talian*, porque é somente com o reconhecimento que podemos recuperar nosso passado.